

METAFONIA: UM ESTUDO DO FENÔMENO LINGUÍSTICO NA GRAMÁTICA DE EDUARDO CARLOS PEREIRA

Nadia Prandini (PPGEL – UEL)

Orientadora: Profa. Dra. Mariângela Peccioli Galli Joanilho

RESUMO:

Este trabalho apresenta um estudo da *Grammatica Expositiva* (curso superior) de Eduardo Carlos Pereira, de 1907. A gramática sendo um objeto, um *instrumento linguístico* (AUROUX, 1992), possibilita a descrição e a prescrição de uma determinada língua, permite o acesso a um saber múltiplo. O fato de optar pelas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira é justamente por apresentar-se como obras básicas para a aprendizagem da Língua Portuguesa, de uma forma técnica e sintética; e por resultar da interação da História das Ideias com o conhecimento linguístico, em uma única obra inserida em um determinado período cultural e social. Além de nos atentar para a gramática de Pereira, este estudo busca observar o fenômeno linguístico da “metafonia” que, etimologicamente, significa “mudança de som”. Optamos em analisá-la pelo viés da Semântica do Acontecimento, observando o significado das expressões linguísticas em um enunciado por meio da relação que elas têm com um acontecimento no qual estão inseridas. Portanto, este estudo busca contribuir com uma reflexão a mais nos estudos da linguagem e os seus sentidos inseridos no fenômeno linguístico da “metafonia” pela concepção enunciativa e histórica da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Metafonia. Gramática. Semântica.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta alguns “recortes” da dissertação que, até o momento, está em desenvolvimento. O objetivo geral do trabalho é observar as exceções metafônicas, com o intuito de apresentar uma descrição dos casos que não pertencem à regra. Temos como propósito, trabalhar com gramáticas do segundo período de gramatização do português do Brasil, em particular, a primeira edição da *Grammatica Expositiva* (curso superior), de Eduardo Carlos Pereira, e a maneira como esse fenômeno é abordado na gramática.

Inicialmente, faremos uma apresentação do autor e de sua obra, demonstrando a justificativa da escolha da obra de Eduardo Carlos Pereira para analisar. A seguir, faremos uma contextualização dos estudos gramaticais no Brasil. Na segunda parte deste trabalho, apresentaremos o conceito de metafonia e a proposta de análise. Ou seja, este estudo busca contribuir com uma reflexão sobre os sentidos inseridos no fenômeno linguístico da “metafonia” pela concepção enunciativa e histórica da linguagem.

O AUTOR EDUARDO CARLOS PEREIRA E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTITUIÇÃO DE UM IMAGINÁRIO SOBRE A LÍNGUA

Nascido em 8 de novembro de 1885 na cidade de Caldas, Minas Gerais, Eduardo Carlos Pereira teve contato com as primeiras letras com sua mãe, que era professora, e alguns aprendizados sobre farmácia com seu pai, que era farmacêutico. Anos mais tarde, Pereira mudou-se para Araraquara para estudar Direito. Durante esse período, conheceu o missionário George Morton, de quem recebeu grande influência religiosa. Em seguida, mudou-se para São Paulo para lecionar no Ginásio Oficial e no Colégio Presbiteriano Mackenzie, onde atualmente é a Universidade.

Em 24 de dezembro de 1894, Eduardo Carlos Pereira foi nomeado para atuar na cadeira de professor de língua portuguesa do Ginásio, onde atuou até a sua morte. Nesse período de docência, Pereira elaborou três gramáticas: a *Grammatica Expositiva* (curso superior), publicada em 1907, posteriormente, o autor editou a sua obra, publicando em dezembro do mesmo ano a *Grammatica Expositiva* (curso elementar); dando continuidade com as produções gramaticais, Pereira elabora a *Gramática Histórica*, publicada em 1916.

Suas obras obtiveram grande receptividade, sendo reeditadas até a segunda metade da década de 1950 – a primeira possui 96 edições, a segunda 153 e a terceira 10 edições. Além de outras obras, uma sobre Filologia e outras destinada ao presbiterianismo, religião a qual Pereira fez parte e foi um dos fundadores da igreja no Brasil.

A consolidação da composição de uma gramática brasileira deu início no final do século XIX e início do século XX, período fortemente marcado por grandes produções gramaticais e literárias. Os autores buscavam, por meio das tecnologias, constituir uma identidade nacional. É neste período que Eduardo Carlos Pereira publicou em 1907 a sua *Grammatica Expositiva* (curso superior), destinada ao Ginásio Oficial na cidade de São Paulo, como uma forma de livro didático.

Entende-se por tecnologias, a definição feita por Sylvain Auroux, quando o mesmo define o processo de gramatização como “o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 1992, p. 65, grifos do autor).

Focalizar o estudo nas produções gramaticais científicas de Eduardo Carlos Pereira nos possibilita observar as influências políticas, históricas, ideológicas, as reformas linguísticas que ocorreram ao longo das reedições, e, ainda, a constituição e a descrição das regras da língua portuguesa do Brasil, propostas pelo autor, que afirma no Prólogo da primeira edição a ligação entre linguagem, pensamento e mundo. Ainda no Prólogo, podemos observar o compromisso que Pereira tinha com a língua, como ele afirma, a seu intenção com os alunos era: “aguçar o intellecto e formar o character” (PEREIRA, 1907, p. II)¹⁰².

O fato de optar pelas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira é justamente por apresentar-se como obras básicas para a aprendizagem da Língua Portuguesa, de uma forma técnica e sintética; e por resultar da interação da História das Ideias com o conhecimento linguístico, pois, segundo Guimarães (2004),

a história das ideias envolve três tipos de análise: “as instituições, os acontecimentos nas instituições que organizam as práticas de produção de conhecimento, as obras que formulam este conhecimento, ou dito de outro modo, que resultam do conhecimento produzido” (GUIMARÃES, 2004, p. 11).

¹⁰² Optamos em manter a escrita original para ser mais fiel ao texto de Pereira.

Sendo assim, este trabalho se encaixa no terceiro elemento, pois partimos de uma obra específica, um instrumento linguístico com o objetivo de construir um saber sobre a língua portuguesa falada no Brasil.

A *GRAMMATICA EXPOSITIVA* (curso superior)

Devido ao vasto número de edições que as gramáticas obtiveram, nos atentaremos apenas à primeira edição. Inicialmente, pretendia-se analisar todas as edições de uma mesma gramática, porém, notamos que por tratar-se de uma obra rara, surgiria a dificuldade de encontrar todas as edições; contudo, continuamos com a perspectiva de estudar a metafonía nas obras de um mesmo autor, ou seja, por meio desse recorte diacrônico, procuramos compreender de que maneira a metafonía é abordada nesse período.

Eduardo Carlos Pereira faz uma explanação da sua obra no início da gramática. No Prólogo, é possível verificar o discurso do autor, a sua formação discursiva, logo, a sua formação ideológica. Pereira afirma que foi a sua atuação como professor na cadeira de português no ginásio da cidade de São Paulo que o incentivou a elaborar a *Grammatica Expositiva* (curso superior), totalmente destinada aos alunos, e como já mencionamos, como uma forma de livro didático.

Sabemos que as produções gramaticais no início do século XX são normativas, posteriormente, os estudos comparativos ficaram em destaque. Pereira buscou mesclar as duas correntes da época: a tradicional, que valoriza os elementos históricos da língua e os elementos lógicos na expressão do pensamento, e a corrente moderna que Júlio Ribeiro introduziu com a *Grammatica Portugueza*, publicada em 1881:

Depois que Julio Ribeiro, imprimiu nova direcção aos estudos grammaticaes, romperam-se os velhos moldes, e estabeleceu-se largo conflicto entre a eschola tradicional e a nova corrente. Vae a esta hora viva a requesta em tódo o campo gramatical. A incerteza das theorias pede meças á variedade desorientada do methodo expositivo e á exuberancia da technologia abstrusa e cansativa (PEREIRA, 1907, p. III).

Como vimos, o autor buscou a junção dos elementos históricos da língua e os elementos lógicos na expressão do pensamento e as razões de existência das regras, que eram atuais naquele período, da gramática expositiva na gramática histórica.

Após a apresentação da *Grammatica* no Prólogo, Pereira expõe algumas “Noções Preliminares” sobre os conceitos de: língua, linguagem, palavra, *vocabulo*, *phrase* e proposição. Em seguida, o autor parte para a definição de gramática e as divisões (geral, particular, histórica e expositiva). Pereira divide a *Grammatica Expositiva* em duas partes: a primeira denominada como “Lexeologia – estudo das palavras isoladas” (p. 5). Há, ainda, uma subdivisão: *phonologia* e *phonetica*. Nesta parte, o autor apresenta esses conceitos e as definições de sons; letras; grupos vocálicos e consonâncias. Em seguida, as noções de ortografias e as palavras flexivas, como: substantivo; adjetivo; pronome; e uma longa descrição dos verbos (conjugações, terminações, verbos regulares e irregulares; e inflexivas, como: advérbio; preposição e conjunção. A segunda parte é denominada como “Syntaxe – estudo das palavras combinadas” (p. 195). Neste momento, Pereira apresenta as orações coordenadas e subordinadas; as figuras de linguagem, partindo de uma análise sintática; colocações dos pronomes oblíquos; ênclise, próclise e mesóclise; particularidades sintáticas; interjeição; pontuação; há, ainda, um “Appendice” que possui considerações sobre Estilística e as tipologias textuais; e por fim, o índice e pareceres de alguns escritores sobre as obras de Eduardo Carlos Pereira.

Após essa breve apresentação do autor e da obra, partiremos em contextualizar a *Grammatica* pelo viés da História das Ideias Linguísticas no Brasil.

O PROCESSO DE GRAMATIZAÇÃO

Por tratar-se de um trabalho de fundamentação teórico-histórica, faz-se necessário a contextualização dos estudos gramaticais no Brasil. Guimarães (2004) afirma que por meio dos estudos da significação chegamos a uma compreensão mais clara e específica da história da gramática no Brasil:

compreender os acontecimentos que em momentos diferentes da história configuraram um certo conceito de gramática e assim uma prática normativa de descrição dos fatos e como nesta ordem de acontecimentos este conceito sofre modificações, redirecionamentos etc. (GUIMARÃES, 2004, p. 13).

A consolidação de gramática brasileira deu início na virada do século XIX para o século XX. Vale lembrar que nesse período, no âmbito político, o Brasil passava por uma transição governamental: do sistema imperial para a constituição da República. Essa passagem foi fortemente marcada pelas questões políticas, históricas e sociais. O positivismo, efervescente no contexto, foi responsável pelas crescentes produções científicas, entre elas as gramaticais, dicionários e obras literárias, os autores buscavam, por meio das tecnologias, constituir uma identidade nacional.

Até o momento, estamos passando pelo o que é considerado o quarto período de gramatização no Brasil. Segundo Guimarães (2004), o primeiro período que caracterizou uma abordagem histórica dos estudos do português do Brasil estendeu-se de 1500 até a primeira metade do século XIX. O segundo começa a partir da segunda metade do século XIX e vai até os anos 1930. O terceiro inicia-se no final dos anos de 1930 até meados de 1960 e o quarto, desde então. Como já mencionamos, as produções gramaticais no início do século XX são completamente normativas, posteriormente, os estudos histórico-comparativos ficaram em destaque.

A METAFONIA: UM FENÔMENO LINGUÍSTICO

O objetivo geral deste trabalho é discutir sobre o fenômeno linguístico da metafonia. Neste momento, nos atentaremos em fazer uma revisão bibliográfica sobre o fenômeno, a definição do conceito e os seus desdobramentos, ou seja, as exceções.

O termo “metafonia”, é originado do alemão *Umlaut*, foi uma das criações de Jacob Grimm (1785-1863), que mais tarde fora considerado “o pai das leis fonéticas”, outra criação foi o conceito de “apofonia” (*Ablaut*). Grimm pertenceu à terceira fase pré-saussureana, a fase histórico-comparatista. Sabe-se que este período foi crucial para a Linguística ser considerada como ciência, pois o principal desafio para os linguistas era definir a cientificidade. Segundo Carvalho (2010), os estudos que se faziam nesta época continham uma “preocupação diacrônica em saber *como as línguas evoluem*, e não *como funcionam*” (CARVALHO, 2010, p. 7, grifos do autor). Podemos citar os trabalhos de Fraz

Bopp (1791-1867), Rasmus Rask (1787-1832) e Jacob Grimm que foi o primeiro a escrever uma gramática comparada.

A metafonía é um fenômeno oral, ou seja, pertence à Fonética e à Fonologia. Por pertencer à oralidade, ela não é marcada graficamente, por tal motivo é considerada um fenômeno linguístico, por essa dificuldade de compreensão, tanto dos estrangeiros, no processo de aprendizagem do idioma, quanto pelos próprios nativos¹⁰³, e a dificuldade de detectá-la em textos escritos.

É possível afirmar que essa dificuldade ainda permeia os brasileiros pela forma como a metafonía é abordada no ensino. Essa trabalho é uma tentativa de desvendar este mistério, observando um fenômeno que existe na língua português brasileiro (PB), porém, é pouco, ou nada, tratado nas gramáticas e quando tratado, consta na parte de Morfologia, exemplificando com substantivos na alteração do singular para o plural¹⁰⁴.

Consultamos o *Dicionário de Linguística e Gramática* (1977) de Mattoso Câmara Jr. que apresenta uma definição para a metafonía:

Metafonía:

Mudança de timbre da vogal de uma raiz ou de um sufixo lexical por assimilação (v.) à vogal do sufixo flexional. Corresponde nas línguas românicas ao termo alemão *umlaut*, como apofonia (v.) corresponde a *ablaut*. É pela sua própria definição uma mudança fonética associada à estrutura morfológica do vocábulo, o que explica que o elemento assimilador possa ser foneticamente mais fraco do que o elemento assimilado, quando o sufixo flexional é átono e a raiz ou o sufixo lexical tem o acento vocábulo [...]. Em português, em particular, <<parece ter principalmente ocorrido onde se fez sentir a necessidade de discriminação ou maior diferenciação flexional>> (Williams, 1938, 97); e as vogais átonas finais, assimiladoras [...]. Na diacronia da língua, a metafonía interferiu com regularidade da mutação (v.) das vogais longas e breves latinas para fechadas e abertas portuguesas.

Ou seja, a metafonía, etimologicamente, significa “mudança de som”, utilizado no português para se referir à mudança do timbre das vogais médias anteriores e posteriores /e/ e /o/, respectivamente, que em oposição à tonicidade, resulta na abertura de uma dessas vogais por influência das vogais altas /i/ e /u/, que são átonas finais. A metafonía

¹⁰³ Conferir o trabalho de Marcelo Jacó Krug, “O ensino/aprendizagem da metafonía do português como língua estrangeira por aprendizes alemães”. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/11419/6766>.

¹⁰⁴ No capítulo de percursos de análises, apresentaremos os casos que E. C. Pereira apresenta na *Grammatica Expositiva*.

é, portanto, uma mudança de timbre de uma vogal tônica que sofreu influência de uma outra vogal.

OS CASOS METAFÔNICOS NA *GRAMMATICA EXPOSITIVA* (curso superior)

Detectamos os casos metafônicos na obra de Eduardo Carlos Pereira quando o autor trata das regras para formação do plural no subitem ‘Particularidades numéricas dos substantivos’. Na gramática consta da seguinte forma:

A vogal tônica **fechada ô** dos paroxytonos terminados em **o surdo** torna-se **aberta** no plural. Exs.:

Povo	Póvos	Socco (tamanco)	Sóccos
Olho	ólhos	Molho (de chaves)	Mólhos
Fogo	Fógos	Escolho	Escólhos
Cachopo	Cachópos	Molosso	Molóssos
Foro	Fóros	Destroço	Destróço
Toco	Tócos	Tremoço	Tremóço
Jogo	Jógos	Globo	Glóbos

(PEREIRA, 1907, p. 62)

Excs¹⁰⁵

Almoço	Almôços
Bolo	Bôlos
Coto	Côtos
Contorno	Contôrnos
Colosso	Colôssos
Coco	Côcos
Corro	Côrros
Olmo	Ôlmos
Logro	Lôgros
Enxacoco	Enxacôcos

(PEREIRA, 1907, p. 63).

¹⁰⁵ E. C. Pereira apresenta 54 exceções, fizemos um recorte expondo apenas 10. As outras exceções estão apresentadas na dissertação.

Como vimos, E. C. Pereira não afirma que tal particularidade dos substantivos são casos metafônicos, detectamos segundo as definições já mencionadas.

LÍNGUA, NORMA E FALA: uma reflexão sobre a metafonía

Neste momento, procuramos refletir sobre o fenômeno linguístico da metafonía, estabelecendo relação entre a segunda dicotomia de Saussure, *langue/parole*, e os estudos ampliativos dessa dicotomia de Eugenio Coseriu (1972), com a inserção do conceito de norma.

É notável a relação que a metafonía tem com a dicotomia língua e a com a fala. Ao mesmo tempo que elas se apresentam “autônomas”, uma não vale senão pela outra, elas se correspondem – assim como todas as dicotomias saussurianas. No *CLG* consta que:

Sem dúvidas, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da língua vem sempre antes (*CLG*, p. 27).

Mas o que é a língua? Para nós, ela se confunde com a linguagem: é verdade que ela é apenas uma parte determinada, essencial da linguagem. Ela é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto e convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade entre os indivíduos. (*CLG*, p. 25).

A relação entre língua e fala aparece bem nítida no *CLG*:

Evitando definições estereis de termos, inicialmente distinguimos, no seio do fenômeno total de que a linguagem representa, dois fatores: a língua e a fala. A língua é, para nós, a linguagem menos a fala. Ela é o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a um sujeito entender e fazer-se entender (*CLG*, p. 112)

Eugenio Coseriu (1972) insere o conceito de norma com a intenção de preencher a lacuna deixada por Saussure na dicotomia *langue/parole*. O linguista romeno diferenciou as estruturas que constituem a língua: o que é comum no comportamento, no discurso dos sujeitos, ele chamou de norma, ou seja, as realizações linguísticas tradicionais. Em estreita relação de *langue e parole*, Coseriu apresenta dois conceitos: sistema e norma. Sendo o primeiro, um conjunto de possibilidades que permite um falar compreensível em uma determinada comunidade; enquanto que o segundo, seria um conjunto de realizações compartilhadas entre os sujeitos dessa mesma comunidade:

O sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados de um falar compreensível numa comunidade; a norma, em troca, é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que se pode dizer, mas ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada. O sistema abrange as formas ideais de realização duma língua [...] a norma, em troca, corresponde à fixação da língua em moldes tradicionais; e neste sentido, precisamente, a norma representa a todo momento o equilíbrio sincrônico (externo e interno) do sistema “(COSERIU, 1972, p.50).

Saussure, no *CLG*, além de estabelecer a distinção entre tal dicotomia, ele afirma que esses dois objetos (*langue* e *parole*) estão intimamente ligados e fundamentam-se entre o social e o individual, respectivamente, ou seja, o que é fato da língua está no campo social e o que é ato da fala está no individual. O conceito de norma, segundo Coseriu, possui caráter abstrato e coletivo e encontra-se no uso dos sujeitos, permeando entre os dois objetos propostos por Saussure. Faz-se, então, uma relação do fenômeno da metafonia com os três conceitos linguísticos (língua, norma e fala), que de acordo com Saussure e Coseriu encontra-se no sistema, ou seja, na língua, porém, quando realizada, ela parte para o plano da fala; contudo alguns casos metafônicos são encontrados no conceito normativo.

Durante essa análise, observamos a relação com os pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas (Auroux, 2008), a qual ultrapassa o campo da história do saber sobre a língua, permite-nos observar uma construção de saber em torno da língua por meio desses conceitos: língua, norma e fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento, constatamos que no Brasil, temos Eduardo Carlos Pereira como uma influência nos estudos gramaticais no que é considerado o segundo período de gramatização do português brasileiro (PB), e que de certa forma o contexto de publicação – a virada do século XIX para o século XX – colaborou para que o autor produzisse e obtivesse grande receptividade das suas obras¹⁰⁶.

¹⁰⁶ A nossa pesquisa, além de situar-se nas propostas da História das Ideias Linguísticas, partimos do dispositivo teórico e analítico da Semântica do Acontecimento apresentado por Guimarães (2002), e os conceitos de designação, determinação, nomeação, predicação e articulação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. *A questão sobre a origem das línguas seguido de a historicidade das ciências*. Traduzido por Mariângela Joanilho. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

CAMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*: referente à língua portuguesa. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CARVALHO, Castelar. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 18 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GUIMARÃES, E. *História da Semântica*: sujeito, sentido e gramática no Brasil. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *Semântica do Acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. 2.ed Campinas: Pontes, 2005.

_____. *História da Gramática no Brasil e ensino*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/hil/textos.html>>. Acesso em 20 out. 2012.

PEREIRA, E. C. *Grammatica Expositiva* (curso superior). São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907. Exemplar nº 0641.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.